

**as gavetas
de José Mário
Branco**

**há oito anos o
adeus a José
Saramago**

**blimunda
6 anos**

Editorial 5
Declaração de Princípios

Leituras 6
Sara Figueiredo Costa

Estante 12
Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

As gavetas de José Mário Branco 18

Sara Figueiredo Costa

A Casa da Andréa 24
Andréa Zamorano

O erro e o riso 31

Andreia Brites

And The winner Is... 43
Andreia Brites

Espelho Meu 45
Andreia Brites

Saramaguiana

Há oito anos o adeus a José Saramago 48

Laura Restrepo
José Luis Peixoto

Agenda 63

Epígrafe 69

blimunda n.º 73 junho 2018

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation

Casa dos Bicos



Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat
10-18h 10 am to 6 pm

No décimo primeiro aniversário da Fundação José Saramago, o editorial da *Blimunda* é substituído pela Declaração de Princípios, escrita por José Saramago, que norteia o trabalho da Fundação que leva o seu nome.

Os objectivos da Fundação José Saramago, nesta data criada, estão enunciados com toda a clareza nas disposições estatutárias pelas quais deverá reger-se. Não têm, portanto, que ser repetidos aqui em Declaração de Princípios. Contudo, pareceu-me apropriado, na circunstância, expressar de modo pessoal umas quantas vontades (ou desejos) que em nada contradizem os referidos

objectivos, antes os poderão enquadrar num todo harmonioso e familiarmente reconhecível. Não me dou como exemplo a ninguém, porém, revendo a minha vida, distingo, ora firme, ora trémula, uma linha contínua de passos que não projectei, mas que, de maneira consciente ou não tanto, me fizeram perceber que nenhuma outra poderia servir-me, ao mesmo tempo que se me ia tornando cada vez mais claro que uma das minhas obrigações vitais seria servi-la eu a ela. Ter conhecido Pilar, viver ao seu lado, só viria confirmar-me que tal direcção era a correcta, tanto para o escritor como para o homem. A direcção dos grandes valores, sim, mas também a direcção das pequenas e comuns acções que deles decorrem no quotidiano e que lhes darão a melhor validade das experiências adquiridas e das aprendizagens que não cessam. O paradoxo da existência humana está em morrer-se em cada dia um pouco mais, mas que esse dia é, também, uma herança de vida legada ao futuro, que o futuro, longo ou breve seja ele, deverá assumir e fazer frutificar. Nem por vocação, nem por opção nasceu a Fundação José Saramago para contemplar o umbigo do autor.

Sendo assim, entre a vontade e o desejo, eis as minhas propostas:

a) Que a Fundação José Saramago assuma, nas suas actividades, como norma de conduta, tanto na letra como no espírito, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em Nova Iorque no dia 10 de Dezembro de 1948.

b) Que todas as acções da Fundação José Saramago sejam orientadas à luz deste documento que, embora longe da perfeição, é, ainda assim, para quem se decidir a aplicá-lo nas diversas práticas e necessidades da vida, como uma bússola, a qual, mesmo não sabendo traçar o caminho, sempre aponta o Norte.

c) Que à Fundação José Saramago mereçam atenção particular os problemas do meio ambiente e do aquecimento global do planeta, os quais atingiram níveis de tal gravidade que já ameaçam escapar às intervenções correctivas que começam a esboçar-se no mundo.

Bem sei que, por si só, a Fundação José Saramago não poderá resolver nenhum destes problemas, mas deverá trabalhar como se para isso tivesse nascido.

Como se vê, não vos peço muito, peço-vos tudo.

Lisboa, 29 de Junho de 2007
José Saramago

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

Uma lente para ver o mundo **el cómic, aunque es un medio más joven que el cine o la literatura, está alcanzando una madurez que le permite abordar cualquier temática artística**

No diário *El País*, um artigo de Tereixa Constenla percorre as edições recentes de vários livros de banda desenhada, muitos deles traduzidos para o espanhol, para dar conta de um olhar cada vez mais consistente desta linguagem e dos autores que com ela trabalham perante a história das décadas recentes e os seus ecos sociais, políticos e culturais. Livros como *March*, de John Lewis, uma autobiografia que se centra na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, ou *Nieve en Los Bolsillos. Alemania 1963*, de Kim, que acompanha a emigração espanhola na década de 60 do século passado, são exemplos de como a banda desenhada pode ser um medium simultaneamente versátil e rigoroso para construir narrativas sobre a realidade e os seus impactos – pessoais, também. «Contraponer facilita el juego gráfico. En *¡Maldito Allende!* (ECC), Olivier Bras y Jorge González husmean en las encrucijadas en las que se encontraron el presidente chileno y el militar que lo traicionaría, Augusto Pinochet. “Lo que está pasando es que el cómic, aunque es un medio más joven que el cine o la literatura, está alcanzando una madurez que le permite abordar cualquier temática artística, incluida la memoria y la historia”, señala David Fernández, editor de ECC, quien descubrió pronto la buena relación entre memoria y viñetas. A los 12 años leyó *Paracuellos*, donde el dibujante Carlos Giménez volcó tras la muerte de Franco su experiencia en internados de la dictadura. Giménez no necesitó leer *Maus* para saber que la historia puede ser un artefacto demoledor en una historieta, pero es a partir de la publicación desde 1980 de las entregas de *Maus*, el relato sobre el Holocausto obra de Art Spiegelman, cuando los tebeos dejaron de verse como un mero entretenimiento y pasaron a la categoría de cosas serias (o novelas gráficas). Tanto que *Maus* recibió el Pulitzer en 1992.» ➔



¡MALDITO ALLENDE!

Os nomes de Silvina Ocampo
***Tal vez ningún escritor en la literatura
argentina supo nombrar y apellidar a
sus personajes con más genio que
Silvina Ocampo***

Na Argentina, uma nova edição dos contos completos de Silvina Ocampo chegou às livrarias e, na revista *Ñ*, Nora Avaro escreve sobre esse livro e sobre a obra da autora. Sem deixar de elogiar a nova edição, Avaro propõe a inclusão, em edições futuras, de um índice onomástico completo das personagens criadas por Silvina Ocampo e é precisamente em torno dos nomes e do seu papel no universo literário da escritora que este texto se desenvolve: «Tal vez ningún escritor en la literatura argentina supo nombrar y apellidar a sus personajes con más genio que Silvina Ocampo. En próximas ediciones de sus Cuentos completos, bien podría agregarse, como uno más –uno que metiera en abismo sus enumeraciones milagrosas–, el índice onomástico total. Porque, enfrentada a la pregunta de la sufrida Julieta Capuleto “¿qué hay en un nombre?”, la oronda Silvina Ocampo respondería sin dudarle, y quitándole cualquier matiz trágico y retórico al asunto: de todo. No “todo”, que sería fácil, es decir, convencionalmente borgeano, sino “de todo”: la variedad y el desbarajuste de la variedad.» ➔

Safo na Academia

pensar a literatura acoplada ao adjetivo lésbica cria um novo entendimento das suas produções em termos de representação ficcional, autoria e de fortalecimento social de um grupo

O número 20 da revista acadêmica brasileira *Criação e Crítica* é inteiramente dedicado à homossexualidade feminina, focando-se os seus artigos na literatura e nas representações do amor entre mulheres em diversos livros. Um dos artigos – «Geografias lésbicas: literatura e gênero» – é de Natália Borges Polezzo, autora brasileira que venceu o Prêmio Jabuti com o volume de contos *Amora* e cujo trabalho acadêmico se desenvolve na área da teoria literária. Um excerto: «Participando de uma série de debates públicos em feiras, festas literárias e eventos em universidades do Brasil e de outros países, ou com textos, por meio de entrevistas e leituras, fui me inserindo cada vez mais no campo literário e teórico, percebendo que o suposto antagonismo entre o ativismo de rua e o ativismo teórico é um erro primário, decorrente de uma não reflexão de quem não vê a universidade como ferramenta de mudança social através dos saberes. Isso acaba criando uma tensão entre prática e teoria, como se fossem ramificações que crescem para lados opostos e criam um distanciamento improdutivo. Amora foi idealizado no interior de uma escolha que é política, porque se faz fundamental para mim como autora e leitora e que cumpre a função de expor representações mais plurais. A escolha também se faz estética, pela mesma motivação: revisitar estereótipos para repensar o estar-no-mundo dessas personagens. Segundo Laura Arnés (2016), a literatura é um dispositivo político em que se modulam algumas distribuições do que afeta nossos mundos sensíveis e em que aparecem constantemente novas relações entre os corpos. Portanto, pensar a literatura acoplada ao adjetivo lésbica cria múltiplas possibilidades e recortes para um

novo entendimento das suas produções em termos de representação ficcional, autoria e de fortalecimento social de um grupo.

Os estudos culturais fizeram emergir o questionamento dos parâmetros estéticos no campo literário, consequentemente, adicionando mais elementos e nuances às análises. Passam a estar em conflito o pessoal, o político, o social, o genérico, a sexualidade, a subjetividade, a economia, a psicanálise e mesmo a geografia. O texto em si nunca é o texto em si apenas. O texto possui camadas que ampliam sua compreensão. Esses novos elementos, a serem considerados no campo de análise, vêm provocando mudanças no campo epistemológico, desestabilizando estruturas que entendíamos como canônicas. A pretensa neutralidade da crítica e da teoria deve sempre ser questionada.» ➔

Pele e cidadania

A palavra 'preto' vem para ofender. Então decidi usar e dar a volta: é um preto muito português, com todo o orgulho inerente a isso.

A rapper Telma Tvon escreveu o romance *Um Preto Muito Português* e Joana Gorrão Henriques, no Público, foi conhecer a autora e descobrir o que fez nascer este livro. «Centra-se no quotidiano da juventude negra que vive nos subúrbios de Lisboa, na Margem Sul ou na linha de Sintra, e é talvez o primeiro retrato desta realidade em romance, escrito por uma portuguesa negra, com ironia e humor. Esse *Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida, por exemplo, não fala do mesmo universo de pessoas, nem faz um zoom tão explícito às questões do racismo que atravessam o quotidiano de uma pessoa negra em Portugal como Telma Tvon o faz aqui. Aliás, o título é bem um reflexo do estilo que a autora assume na escrita: vai direto ao assunto para jogar com os clichés e os preconceitos. Telma Tvon recorreu a uma palavra com uma forte carga negativa — “preto” —, porque “a ideia era mesmo chocar”, explica. “A palavra ‘preto’ vem para ofender. Então decidi usar e dar a volta: é um preto muito português, com todo o orgulho inerente a isso. Quem escreve nas paredes não escreve ‘Negro vai para a tua terra’, escreve ‘Preto vai para a tua terra’.”» Entre a reflexão sobre a identidade, o racismo e o peso atribuído à ideia de nacionalidade, Telma Tvon questiona categorias e rótulos, questionando igualmente a sociedade portuguesa e a sua relação ambivalente com os cidadãos: «Quem se confronta com estas questões tem de estar “sempre a explicar que é um preto português”, comenta. “Eu tenho mais anos de vida aqui do que em Angola. E, no entanto, essa questão vem sempre. Faz-me confusão quando os meus amigos respondem. Digo logo: ‘Não tens nada que dizer que os teus pais são cabo-verdianos ou são guineenses. Acabou: és tuga!’” Quem lhes pergunta que saia dali com esse TPC: se a pessoa não quis responder, tem de pensar sobre isso.”» ➔

O que fica por contar não deixa de existir



CINCO MIL QUILÓMETROS POR SEGUNDO

**Manuele Fior
Edições Devir**

Vencedor de vários prêmios internacionais entre 2010 e 2011, o livro do italiano Manuele Fior que agora se publica em português persegue a história de um triângulo amoroso nascido na adolescência e o modo como as suas derivas definiram as vidas dos envolvidos. No centro, Lucia, a rapariga amada por Piero e Nicola nas tardes de canícula da aldeia italiana onde a suposta simplicidade do amor e das relações afectivas começava a revelar-se, afinal, um caos em potência. Há uma narrativa em *Cinco Mil Quilômetros Por Segundo*, a deste triângulo amoroso que começa na adolescência e segue o seu rumo com a imprevisibilidade que a vida nunca deixa de ter, mas é nas pulsões emocionais e nos equívocos e tropeções afectivos que se encontra o osso deste livro: uma narrativa subterrânea que quebra a linearidade, que vive dos pequenos gestos e da melancolia, que assume a desordem biográfica como estrutura. É aí, entre a delicadeza visual e a implacável brutalidade emocional, que Fior constrói a verdadeira narrativa, fazendo da elipse – recurso fundamental na linguagem da banda desenhada – a nota dominante do seu modo de contar. Entre aquilo que conseguimos reconstruir do passado e as certezas e enganos com que vamos navegando o presente, a elipse deixa de ser apenas o mecanismo que permite à banda desenhada fazer avançar a narrativa, colocando do lado do leitor a missão de lhe preencher os vazios. Nas vinhetas de

enorme delicadeza cromática e visual, onde se definem cores predominantes para diferentes momentos da cronologia e da geografia narrativas, e na vontade de capturar estados emocionais e derivas pela memória tantas vezes difíceis de transformar em verbo, a elipse surge, neste livro, como único modo possível de contar uma vida, qualquer vida. E na melhor tradição dos herdeiros narrativos de Proust, Manuele Fior assume esse espaço da impossibilidade narrativa – impossibilidade verbal, mas igualmente visual – não apenas como recurso fundacional da linguagem de que se serve para criar histórias, mas como vertigem à qual é preciso ceder, muitas vezes em total desamparo, para tentar aceder não ao que aconteceu, mas ao que poderia ter acontecido.



أَشْهَدُ أَنْ لَا إِلَهَ إِلَّا اللَّهُ أَشْهَدُ أَنَّ مُحَمَّدًا رَسُولُ اللَّهِ





O MEU AMIGO É O MELHOR DO MUNDO

Maria João Lopo de Carvalho
Helena Nogueira
Oficina do Livro

Neste conto sobre a amizade o ritmo enumerativo das partilhas entre Gil e os dois amigos, primeiro o Melhor Amigo e depois Salta-Pocinhas alicerça a rotina de cumplicidades, generosidades e entendimentos. É também este ritmo que pauta o tom afetivo de toda a narrativa e estabelece uma inevitável ligação às memórias dos leitores. É um conto de aprendizagem sobre o crescimento e o deslumbramento pela novidade com a inevitável frustração. Por outro lado, o final feliz representa mais do que a esperança. **AB**



O BEBÉ QUE... FEZ UMA BIRRA ***O BEBÉ QUE... NÃO GOSTAVA DE TELEVISÃO***

Rui Zink
Manuel João Ramos
Nuvem de Letras

Os dois primeiros títulos desta coleção assumem um humor transgressor na relação entre o filho, os seus pais e até a comunidade. A incompreensão do comportamento da criança revela-se mais como incapacidade do adulto do que como algo extemporâneo. O humor está então ao serviço de uma intenção crítica que a ilustração de cariz plano e caricatural, próxima da narrativa da banda desenhada ajuda a potenciar. Nada há de idílico ou delicado aqui, afastando estereótipos de representação e colocando todos os protagonistas ao mesmo nível. **AB**



A NUVEM

Rita Canas Mendes
João Fazenda
Pato Logico

Neste primeiro álbum Rita Canas Mendes propõe aos leitores acompanhar o mistério de uma nuvem que paira sobre uma estrada sem se mover ou sofrer alterações de forma durante tempos e tempos. A duração do mistério perturba as pessoas, provoca teorias e promove conflitos. O final surpreende, como se deseja. João Fazenda confere ao texto uma espacialidade de *road movie*, acompanhando a dimensão da nuvem numa horizontalidade de páginas duplas. As cores vivas e o movimento das figuras, assim como a abolição de contorno, tão características do ilustrador, enfatizam ainda mais a dicotomia entre a nuvem estática e todo o contexto que se move. **AB**



OBRAS COMPLETAS, VOL.1

Maria Judite de Carvalho
Minotauro

Primeiro de seis volumes que voltarão a colocar a obra de Maria Judite de Carvalho disponível nas livrarias, contribuindo para a elementar justiça de não deixar cair no esquecimento uma das mais importantes ficcionistas do século XX português. Neste volume, incluem-se as obras *Tanta Gente*, *Mariana* e *As Palavras Poupadas*. **SFC**



CONTRA TODO ISTO

Manuel Rivas
Edicións Xerais

Para além da obra ficcional e poética, o escritor galego Manuel Rivas tem sido uma voz regular no espaço da opinião pública, em galego e castelhano, sobre questões de direitos humanos, cidadania e política. No seu mais recente livro, assina uma crónica enraivecida sobre o estado do mundo, ou do seu mundo mais próximo, discutindo temas como o machismo e outras discriminações, a corrupção ou a negação dos direitos humanos mais básicos a fatias muito consideráveis da população. **SFC**



O CENSOR ILUMINADO

Rui Tavares
Tinta da China

No século XVIII, o Marquês de Pombal inicia a revolução cultural que idealizou para o reino, fundando a Real Mesa Censória. Através de uma investigação profunda a partir dos relatórios desta instituição e dos textos que lhes deram origem, o historiador Rui Tavares descobre as ideias e os percursos dos homens a quem cabia censurar tudo o que fosse impresso – de livros a ementas de restaurantes –, propondo uma nova leitura sobre a ideia de pluralismo que estará na base das sociedades modernas. **SFC**



O ESPIÃO ACÁCIO

Fernando Relvas
Turbina/ Mundo Fantasma

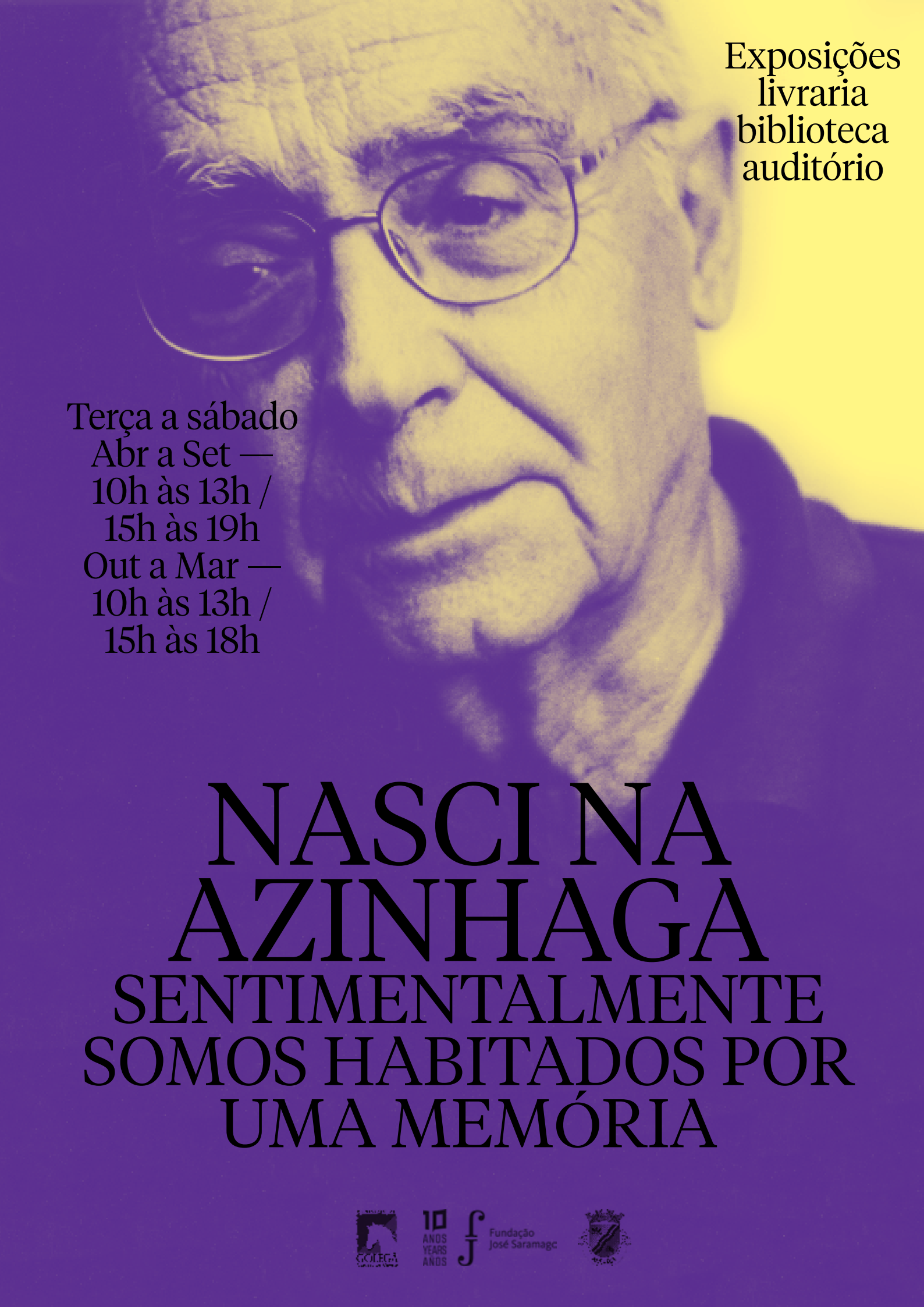
Nome maior da banda desenhada portuguesa, Fernando Relvas criou algumas personagens tão carismáticas que o seu nome acabou por sobrepor-se ao do seu criador. É o caso do Espião Acácio, cuja atividade percorre os anos entre a República e a Guerra Fria, e cujas aventuras se publicaram originalmente na Revista *Tintin*, entre 1978 e 1980. A Turbina e a Mundo Fantasma reúnem agora a totalidade dessas aventuras, num volume que se torna essencial em qualquer biblioteca interessada em refletir o século XX português. **SFC**



O MUNDO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA: OLHARES E PERSPETIVAS

Beatriz Paredes (coord.)
Edusp

Volume que reúne o resultados de uma série de debates desenvolvidos em 2017, com a coordenação da socióloga mexicana Beatriz Paredes, sobre o tema do mundo indígena. Professores, investigadores e outros intelectuais de várias instituições latino-americanas contribuem com as suas reflexões para novas perspetivas sobre os povos indígenas da América Latina, a sua importância histórica e a sua presença na atualidade. **SFC**



Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



sara figueiredo costa

As gavetas de José Mário Branco

<https://arquivojosemariobranco.fesh.unl.pt>

O que guardamos de um criador para além do resultado mais visível daquilo que cria?

À margem de livros, quadros, discos, coreografias, há outros objetos, fragmentos e elementos documentais que concorrem para o que viremos a conhecer como a obra de alguém e que, muitas vezes, são tão inacessíveis ao público como os processos mentais que originaram determinada criação. Há exceções, sob a forma de acervos ou espólios devidamente catalogados, muitas vezes guardados em fundações ou arquivos, que preservam esses testemunhos e os disponibilizam junto de investigadores e académicos, mas é pouco frequente que esses fundos documentais estejam acessíveis a qualquer pessoa que tenha curiosidade em conhecê-los.



"mudam-se os tempos, mudam-se as vontades"



Nome fundamental da música e da cultura portuguesas a partir da segunda metade do século XX, José Mário Branco tem discografia extensa, em nome próprio e com trabalhos de autoria coletiva. Álbuns como *Mudam-se os Tempos*, *Mudam-se as Vontades*, *Margem de Certa Maneira* ou *FMI* acompanharam momentos muito intensos da história contemporânea portuguesa, da luta contra o fascismo aos anos quentes do início da democracia, e o passar do tempo confirmou esses e outros discos com a assinatura do autor como elementos fundamentais da cultura portuguesa de décadas recentes, quer no cânone musical, quer na memória coletiva. Agora, o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM), organismo que integra a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dá um passo importante em direção a uma maior apropriação coletiva desse património criado por José Mário Branco. Em parceria com o próprio músico, o CESEM criou um arquivo on-line que disponibiliza partituras, correspondência, anotações, fotografias e inúmeros outros documentos que permitem conhecer de outro modo o trabalho de José Mário Branco.

Para além da documentação associada aos discos assinados pelo músico, a solo ou em coletivo (como os

mc

mundo da canção

**josé
afonso**

**adriano
correia de
oliveira**

**sérgio
godinho**

JOSÉ MÁRIO BRANCO

do Grupo de Acção Cultural), deambular pelo Arquivo José Mário Branco permite conhecer ou redescobrir as inúmeras colaborações que o autor desenvolveu com outros músicos, tantas vezes como produtor, bem como os trabalhos feitos para televisão, cinema ou teatro. Partituras criadas para a peça *Galileu Galileu*, de Bertold Brecht, encenada por Carlos Avilez para o Teatro Experimental de Cascais, em 1986, para o filme *Agosto*, de Jorge Silva Melo, estreado em 1991, ou apresentadas no programa televisivo *Notas Soltas*, de 1984. Fotografias dos espetáculos realizados em 2001, com João Loio, Regina Castro e Manuela de Freitas. Alinhamentos de concertos, horários de entrevistas, correspondência sobre projetos e espetáculos. E depois há as letras das canções, as que José Mário Branco gravou e as que criou para outros, tantos, bem como o alinhamento completo dos álbuns. Organizados por tipologia das fontes e pelas entradas que ajudam a estruturar o acervo (álbuns espetáculos, teatro, cinema, rádio, etc), os documentos permitem uma navegação intuitiva, mas igualmente uma pesquisa detalhada em função de interesses concretos. Cumpre-se, deste modo, a intenção de disponibilizar o acervo de José Mário Branco para quem queira estudá-lo, ou estudar, através dele, aspectos concretos da história contemporânea portuguesa, mas também para quem pretenda deambular sem destino certo, respigando imagens, pautas, informações avulsas sobre o trabalho do autor. Foi esse o acordo firmado entre José Mário Branco e o CESEM, devidamen-



te explicado na apresentação do site que alberga este arquivo: «No final do processo, foi acordado que estes materiais digitais, coerentemente organizados, seriam inseridos numa base de dados própria, para livre consulta em linha, concebida como instrumento auxiliar para o estudo, divulgação e reapropriação social da sua obra.» Reapropriemo-nos, então.

A CASA DA ANDRÉA

**VAI PRA
TUA
TERRA!**

ANDRÉA ZAMORANO

«Vai pra tua terra!» A expressão é uma espécie de terremoto que se adivinha, o tremor do corpo, os olhos franzidos, a agitação antecede a falta de argumentos. Lábios, dentes, língua se articulam para dar passagem ao jato de bestialidade que não nasce na cavidade bucal de quem a pronuncia mas antes das entranhas, de uma câmara obscura localizada nos intestinos.

A frase faz o seu caminho até ao estômago em fúria, chega rasgando o fígado emulsionado num amarelo de bÍlis, preconceito e discriminação e não para até percorrer todo o esófago e ser cuspidada na cara de quem ousou existir fora do seu lugar de nascença. Então ribomba altissonante e prepotente acompanhada de um gesto com os braços e as mãos que se balançam no ar como a enxotar um animal repugnante.

Quem a dispara, usa-a por acreditar estar na posse de um RPG, uma bazuca com granada na ponta, género arma secreta para rebentar com a autoestima, neutralizar a autoridade e destruir o lugar pertença no mundo de imigrantes e de negros. Quando se é atingido pela infâmia a primeira vez, a frase acerta em cheio no peito. Ela é usada para ferir e fere.

Confesso que se ficar no meu canto com o meu fenótipo de pessoa branca, com os cabelos claros, estou em «vantagem» – uso o termo tendo em consideração o conceito de branquitude trabalho por Lia Vainer Schucman – e passo despercebida no conjunto delirante do que Portugal resolveu designar como a normalidade. Os problemas começam apenas e quando decido não me calar face às injustiças ou comportamentos inadequados contra aqueles em situação de fragilidade – sejam imigrantes, mulheres, negros ou até idosos – ou apenas e só reclamar porque não respeitaram os meus direitos; o meu sotaque brasileiro me denuncia e a «camuflagem» é descoberta. Passo a ser o outro. O que não é daqui. Aquele que não tem direito a dar opiniões, reclamar, discordar, o que deve permanecer invisível se quiser continuar. E sem demora, levo com a frase na cara como aconteceu duas vezes na passada semana. Uma por ter reclamado com um motorista que quase me atropelou numa passadeira – iniciamos uma discussão – e outra por ter defendido uma senhora num hospital público.

Que atire a primeira pedra quem nesta terra não tem um primo na Bélgica? Um tio no Estados Unidos? Uma parenta no Canadá ou outra em Angola? No Brasil então...nem falemos. Esta é, e sempre foi, uma terra de emigrantes. O 10 de Junho – dia de Portugal, de Camões e das comunidades portuguesas – há poucos recordou com fanfarras e foguetes a grandiosidade da nação e da diá-

pora portuguesa. A que ponto é possível tanta miopia? Ou os portugueses não sabem que eles próprios são estrangeiros no que não é Portugal? E convenhamos, há muito português por esse mundo.

Humildemente ainda tenho bastante mais dificuldade para compreender de onde surgiu a ideia de que os portugueses são todos brancos. É certo que num sistema de poder onde os privilégios simbólicos e materiais dos brancos se perpetuam, como na sociedade portuguesa, essa seja a norma mas é tempo de mudá-la. É frequente, por exemplo, nos encontrarmos com pessoas negras, nascidas e criadas no centro de Lisboa, vistas e entendidas enquanto estrangeiras. Na melhor das hipóteses, esses portugueses são compreendidos como sendo de «segunda» ou de «terceira» geração e não apenas portugueses. Como se legitimamente não pudessem ser cidadãos nacionais. Um português é confundido – e destrutado conforme um estrangeiro – apenas por não ter o mesmo tom de pele do que se considera a norma. Lamento mas a palavra adequada é racismo. Tem por intenção desautorizar a existência daquele indivíduo, como a dos que não são nacionais. E basta qualquer coisa, por menor que seja, tiritar e lá vem a frase.

Infelizmente não foi apenas a ignóbil frase que acertou a jovem colombiana Nicol Jiménez Quinayas, de 21 anos, ao entrar num autocarro no Porto para regressar com um grupo de amigas dos festejos de São João. Nicol foi agarrada pelo braço, empurrada, insultada, levou mais dois murros na cara e pontapés na cabeça. Tudo isso porque o segurança da empresa privada que fiscalizava um serviço público entendeu que ela desrespeitou a fila. Foi com a justificativa dessa banalidade que um homem se sentiu autorizado a bater numa mulher e colocá-la fora. Fora do autocarro, fora daquele mundinho que ele controlava. Fora ela estava fora. Não iria entrar mais porque ele não queria, nem que para isso tivesse de imobilizar a jovem contra o chão, do jeito que fez, apoiando o joelho nas suas costas, a sua cara no cimento e exhibir-se para a audiência que filmava nos telefones a sua ultrajante vitória. Ele era o senhor, ela era a estrangeira. Ele era o homem, ela a mulher. E ela era negra.

Quando olho as imagens do rosto desfigurado de Nicol, ponho-me a imaginar o que terá restado da sua alma, em quantos pedaços terá ficado. Humilhada, silenciada e agredida por ser estrangeira, por ser negra, por ser mulher. Pergunto então, há dúvidas?

Se antes havia alguns constrangimentos na sociedade em certos indivíduos se mostrarem abertamente racistas e disfarçavam-se as motivações com falácias ao se afirmar que os imigrantes são a causa do desemprego, do aumento da criminalidade e dos outros males das sociedades ditas desenvolvidas, o fascismo latente parece ter perdido toda a sua vergonha.

Quem usa a frase «vai pra tua terra» não o faz displicentemente, acha-se no seu pleno direito de expressão e a pretexto da sua liberdade individual falta com a ética, com a moral e até com a lei ao legitimar comportamentos racistas e discriminatórios que levaram a agressão de Nicol esta semana e culminaram na morte de Alcino Monteiro por espancamento, precisamente em um 10 de Junho, faz quase vinte cinco anos.

Nicol foi vítima de uma forma extrema de racismo, de discriminação e de misoginia na sua terra, na terra em que vive há dezoito anos com a sua família. A terra é dos que nela vivem e trabalham. Todos somos estrangeiros. Ninguém é estrangeiro. Aqui também é a nossa terra. Não vamos para lugar nenhum.

CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

errio
e
o
riso

Benjamin Chaud esteve em Lisboa entre 10 e 13 de maio por ocasião do lançamento de *O Pior Aniversário da Minha Vida*. Para além da festa de lançamento na Lx Factory e de um pequeno almoço com o autor na livraria Baobá, a Orfeu Negro promoveu ainda uma conversa entre o ilustrador e o público adulto no Instituto Francês. Ali, o autor partilhou histórias, mostrou esboços e ainda aconselhou quem está a começar a explorar erros.

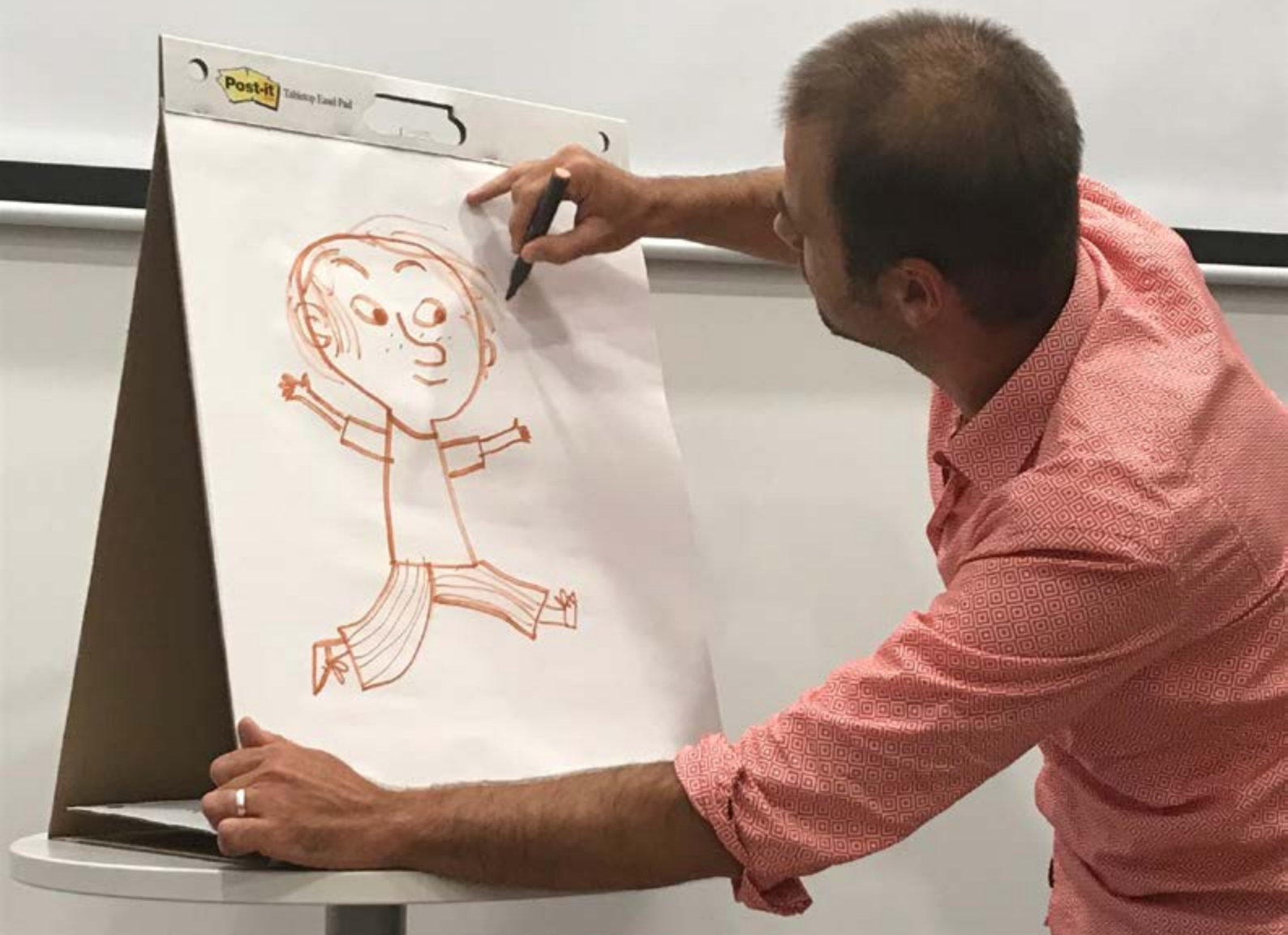
Andreia Brites

Coelhos, crianças e preconceitos

O *pior aniversário da minha vida* faz regressar o humor de Benjamin Chaud com o rapaz e o seu coelho de estimação, que já são conhecidos em Portugal de outro álbum, *Adeus, peúgas*. Do entusiasmo que assola o menino até à profunda frustração, o suceder de acontecimentos não deixa de provocar um misto de compaixão e riso. O ilustrador francês capta expectativas muito típicas, como o desejo de surpreender o outro e de ser eleito especial, ou a frustração de o outro não corresponder às nossas expectativas. Depois é a imagem a falar, os padrões, as cores, as figuras e a sua expressividade.

Conta-nos Benjamin que as duas personagens apareceram, entre a multiplicidade de esboços que faz diariamente, mas não sabia que rumo lhes dar. Não tinha descoberto ainda uma história para contar. Pensou que os dois pudessem ter uma aventura num bosque, que pudessem procurar um tesouro ou encontrar contrabandistas... Mas não era bem aquilo. Um dia





encontrou uma pessoa que lhe contou uma história sobre um coelho abandonado e deu-se o clic. Benjamin já sabia que rumo dar à história do menino e do seu coelho. Contaria uma história em que as crianças não se identificassem com a personagem principal. Queria, ao contrário, um coelho fofinho. E assim foi. Pensar que o rapaz abandona o coelho no bosque porque este não corresponde às suas expectativas enquanto animal de estimação é um bocadinho cruel. O ilustrador acentua por isso a expressão ternurenta do coelho, com as suas orelhas enormes que o batizam e uma ingenuidade comovedora. Acrescenta ainda dois

elementos importantes para a composição narrativa e simbólica da relação entre os dois: o fio que simboliza a ligação entre as pessoas, o afeto, a relação, e que pode ligar mas também pode ser cortado, e o contraste entre o vermelho do fio e o castanho esverdeado do bosque para dar ao espaço um toque sinistro. «Queria que o livro provocasse um bocadinho de medo também!»

No público, alguém pergunta se considera ser *Adeus, peúgas* um livro para o público infantil. «O tema do abandono não será muito duro?» Benjamin não concorda em censurar temas quando se trata de crianças leitoras: «É importante mostrar as coisas boas e as coisas más da vida às crianças.» Aliás, acrescenta, «as crianças são todas perfeitas, magníficas!» No contacto que vai tendo com o público infantil um pouco por todo o mundo em oficinas e conversas assegura que as crianças se comportam todas da mesma forma. Recorda que houve um caso que lhe chamou particularmente a atenção, mas não por reagirem mal aos livros ou à ilustração. Foi com crianças chinesas que mostravam mais habilidade no trabalho com o pincel, o que pensa dever-se à prática de desenharem caracteres. De resto, o problema está nos adultos e não nas crianças. A propósito, Benjamin conta que um editor americano lhe assegurava que era preciso explicar mais coisas nos livros destinados às crianças americanas, arriscando afirmar que estas eram menos inteligentes do que as francesas!

Foi também nos EUA que Benjamin teve de alterar ilustrações por causa de questões políticas e sociais. Numa ilustração em que uma gota caía em cima de uma menina, o editor pediu que fosse num menino branco, para que não houvesse assim nenhuma associação racista ou sexista. A representação de um rapaz branco significa neutralidade nos EUA? Também um ataque índio não pode ocorrer, transformem-se os índios em vikings!

Contudo, ao contrário do que deseja o editor americano, Benjamin Chaud gosta de deixar vazios para o leitor pensar e preencher mentalmente de acordo com a sua personalidade, idade e história. Se *Adeus, Peúgas* remete para o abandono, também é verdade que explora o arrependimento e a ausência de rancor. O menino, por quem o leitor não sente empatia, acaba por se redimir com grandes responsabilidades para aquele coelho sempre bem disposto e desinteressado. O momento em que o rapaz descobre o coelho a tomar chá numa casa do bosque com amigos inusitados representa mais do que simplesmente isso, ligando este coelho ao de *Alice no País das Maravilhas*, um sempre tranquilo e o outro sempre atormentado com o tempo. Que lugares podem existir naquele bosque? Que novos amigos? As histórias e as

memórias interligam-se na leitura subjetiva de cada um. Certo é que em *O pior aniversário da minha vida* o rapaz está apaziguado com a personalidade do coelho, tanto que o leva consigo e inicia o rol de surpresas com um disfarce que pretende trocar a aparência do coelho com a sua. Não que o rapaz veja agora o coelho como um animal de estimação perfeito, atento e colaborante. Pelo contrário, ao longo das várias peripécias que lhe sucedem e envergonham, o rapaz vai deixando escapar um ou outro comentário pouco abonatório para a cumplicidade do coelho. Isto significa que a relação dos dois não depende da mudança de um ou de outro e sim da aceitação de quem são. Esta relação entre as duas narrativas vai justamente ao encontro dos vazios que o ilustrador afirma gostar de deixar por preencher e que enriquecem o sentido e a construção das duas personagens, sem nunca esquecer o enredo que pode chegar a roçar o absurdo.

O processo criativo

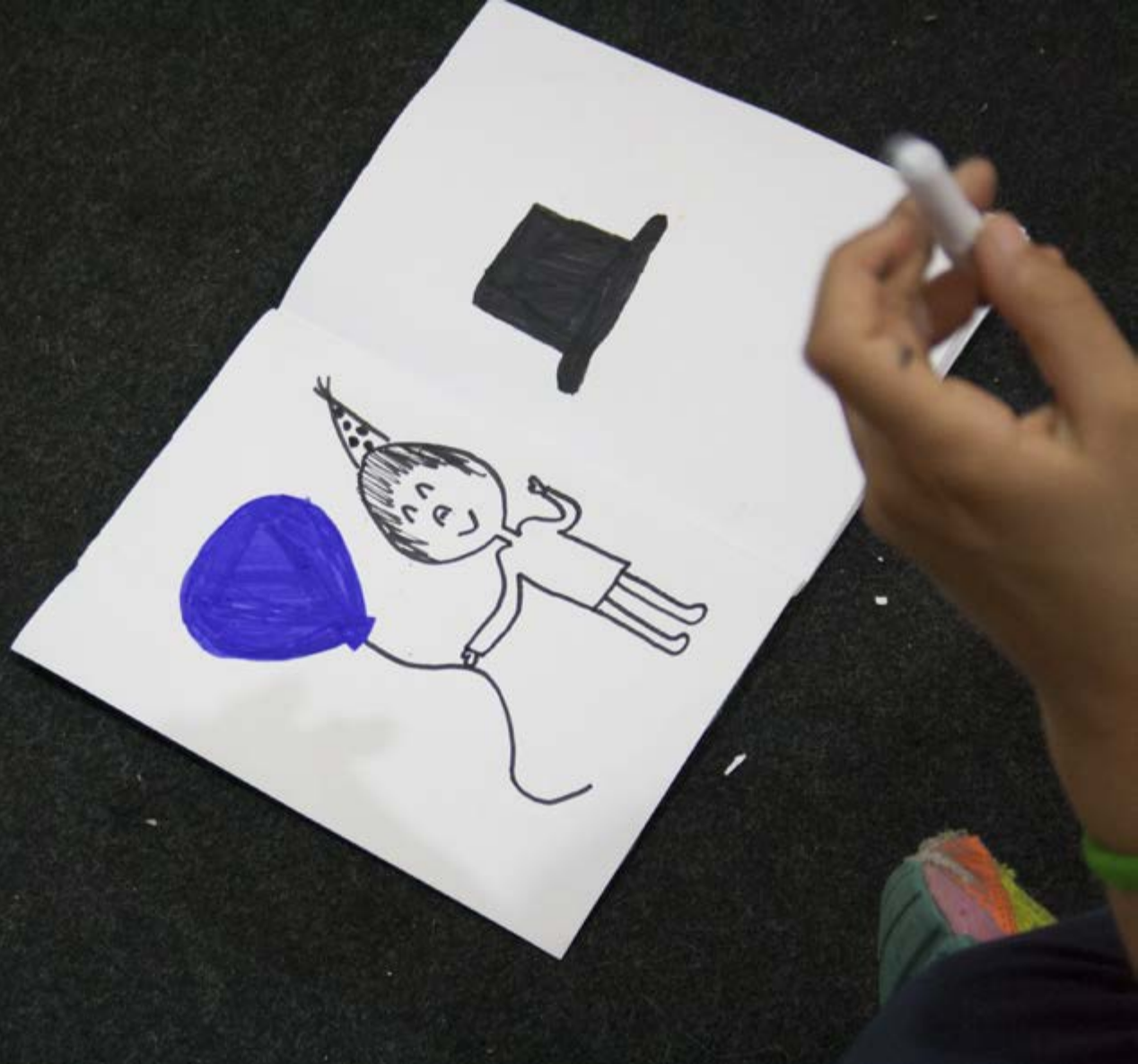
Para a conversa Benjamin Chaud trouxe uma apresentação do seu trabalho e da forma como o realiza. Apesar de viver numa vila Benjamin diz ter a sorte de ali existirem mais dois ilustradores para além de si. Isso permite-lhe partilhar com eles um atelier onde deixa os materiais sobre a sua mesa de trabalho sem correr o risco de que os filhos lhes mexam. Divertido, descreve a azáfama do aspirador e da vida em família que o impedem de encontrar o sossego necessário para trabalhar. Quando mostra as imagens dos cadernos de esboços, Benjamin explica, agora mais a sério, como se processa o seu dia. Sai incondicionalmente para ir ao café, pela manhã. Na rua passa algum tempo e ali desenha sem preocupações temáticas ou estéticas. «Desenho tudo, seja o que for.» Observa e desenha, observa e desenha, sem grande interferência do cérebro. Numa das páginas do caderno é a mulher que pausa para o ilustrador. «Como não pago renda no café, não penso em obrigações e sinto-me mais livre.» A ideia, explica, não é produzir nada em concreto. Anda sempre com dois ou três cadernos no bolso ou na mala e a certa altura surge uma ideia. Pelas suas contas, apenas 5% dos esboços são depois usados nos seus trabalhos e há outros que pode ter intenção de usar

mas que, por uma razão ou por outra, acabam esquecidos.

Depois deste tempo destinado a desenhar livremente, chega a hora de ir para o atelier. Ali põe em prática as ideias que teve na rua, trabalha-as, continua o trabalho interrompido na véspera. O atelier é o lugar da técnica, da composição, da experimentação. Ali já está a compor o livro. Acontece desenhar então várias versões para um esboço original para poder escolher a que mais lhe agrada mas há sempre uma altura em que acha que o que está a fazer não vai funcionar. Depois, invariavelmente, tudo muda. Acrescenta sombras e cores ao desenho, detalhes e o desenho vai ganhando uma riqueza que o começa a satisfazer.

Gosta de experimentar, é disso que vive a sua própria técnica. Ao longo da sua carreira de ilustrador tem-se envolvido em projetos muito diferentes. O último foi um livro de banda-desenhada, *Coup du Monde*, que aproveita o tema do futebol e a ocasião do Mundial para falar sobre a questão da imi-





nasceu de ilustrações que Benjamin postou na sua página de facebook, com a seguinte demanda: transpôr para um contexto de refeição o estilo de um pintor. O livro está editado em França pela Hellium e representa o sentido de humor do ilustrador. Outra experiência, como resultado inverso, foi *L'amour?*, criando em parceria com a escritora Ramona Badescu que desenhava totalmente em computador. Ao fazê-lo percebeu que havia limitações para as suas ideias, não podia desenhar exatamente o que queria e não ficou satisfeito com o produto final. É aliás bastante notória a diferença de estilo entre este livro e os outros. Já a coleção Pomelo, em que mantém a parceria com a escritora, funciona muito bem. Mas depende da presença de ambos. Ao contrário do que acontece com outros projetos, em que Benjamin recebe o texto e cria as ilustrações a partir da sua leitura, Pomelo precisa do diálogo entre os seus autores. De tal maneira que quando os dois passaram a viver longe passaram a combinar encontros para escreverem e ilustrarem os livros. Com o *Livro dos contrários*, conta o ilustrador que «Ramona inventou uma

lista em meia hora, no café. Em dois ou três dias escolhemos as duplas que queríamos que entrassem no livro e o que demorou mais tempo a decidir foi a ordem de entrada dos contrários para que o livro contasse uma história.»

Ilustrar o processo com *A Cantiga do Urso*

A história deste livro mereceu, por parte de Benjamin, especial atenção. Logo se descobre porquê. Benjamin faz um cartaz para uma ópera e delicia-se com todos os detalhes que consegue inscrever naquele espaço. Decide então propor à editora da Hellium, onde publica a maior parte dos seus projetos a solo, um livro onde possa imperar este novo estilo. A editora aceita a proposta, sugerindo que o álbum seja uma espécie de *Onde está o Wally*.

Em simultâneo, o ilustrador tinha sido pai do seu primeiro filho. Os medos que se instalavam, Benjamin levou-os para o livro e a história desenrolou-se com o papá urso em grande aflição à procura do seu filhote que inesperadamente abandonou a gruta onde ambos hibernavam. Enquanto mostra os esboços dos dois ursos e das outras personagens com quem se cruzam, o ilustrador conta: «Sophie Giraud disse-me para desenhar um canguru com o seu marsupial, já que eu andava sempre com o meu filho num pano. Mas eu não gosto de desenhar cangurus, então escolhi o urso.»

O processo é idêntico ao de outros livros: primeiro faz desenhos pequenos, sem grandes detalhes, em seguida escolhe alguns e passa-os para uma folha que amplia. É nessa ampliação que trabalha o desenho da página, e que determina com exatidão cada detalhe de posicionamento, de movimento, de cor. O trabalho é muito mais longo do que noutros casos, como acontece com a coleção do elefante Pomelo, em que ilustra o texto de Ramona Badescu, ou no dois livros com o ternurento coelho-anão. A multiplicidade de detalhes e a proliferação de elementos, nomeadamente figuras humanas, é grande. Benjamin recorre então a uma nova estratégia que por um lado lhe facilita o desenho da figura humana e por outro o diverte bastante: começa a introduzir na ópera pessoas que lhe são próximas. Assim torna-se mais fácil imaginar silhuetas e expressões, como a da madrinha que a páginas tantas ali está a fumar um cigarro, a do tio, ou dele próprio com o filho bebé ao colo.

A ideia surtiu efeito e no livro seguinte, *As Férias do Pequeno Urso*, Benjamin volta a usar o mesmo recurso: os irmãos e outros elementos da família, Ramona Badescu e ele próprio com o filho estão de volta.

Liberdade, humor e erro

Benjamin é muito assertivo em relação às suas escolhas. Se não gosta do tema ou da abordagem, abandona o projeto. Dá o exemplo de um em que uma bola de vidro com flocos de neve lhe começou a fazer confusão por ser um pouco claustrofóbico e logo o projeto foi abandonado. Por outro lado, adora experimentar coisas novas, só assim encontra caminhos e respostas. Ilustrar significa divertir-se e a experimentação é parte inerente desse prazer.

Para isso, a ilustração tem de refletir a sua interpretação, a sua voz própria, cheia de humor. Como caracteriza Benjamin o seu humor? «Absurdo? Não sei bem. Pouco a pouco vou pesquisando e alguma coisa acontece. Trabalho as personagens e muitas vezes têm qualquer coisa de ridículo.» Grande parte do seu humor encontra-se na situação, no comportamento e no perfil das personagens. Daí a combinação perfeita entre o inusitado e o cómico. Não é um humor vazio, composto por gags. É um humor que nasce com a narrativa, que nela se imbrica, e convive com medo, vergonha, culpa, entusiasmo... A subversão não visa mudar o real e sim existir nele, com as tais coisas más que o ilustrador considera não deverem ser ocultadas às crianças (e aos adultos também).

Nesse sentido, não admite intromissões no seu trabalho. Aceita sugestões dos editores, assegura, mas não deixa que nenhum escritor que lhe envie um texto lhe diga como fazer as ilustrações. Normalmente isso não acontece, é precisamente o editor quem faz a ponte e ambos nem chegam a trocar ideias sobre o livro. Quando lhe perguntam se, por exemplo, Davide Cali já lhe disse o que achava das suas ilustrações para os livros *Não fiz os trabalhos de casa porque...*; *Cheguei atrasado à escola porque...*; ou *Perdi-me no museu porque...* Benjamin responde que os dois só se conheceram tempos depois ocasionalmente numa feira internacional e que nunca falaram sobre isso. Houve apenas uma vez em que Cali, que também desenha, achou boa ideia





enviar-lhe uns esboços com as suas ideias. «Se não me meto no texto, ninguém se mete nas minhas ilustrações. Faço-as para me divertir.»

Na assistência estavam alunos de ilustração. Era chegada a hora da pergunta inevitável: «Que conselhos pode dar a quem está a começar?» «Trabalhar muito, fazer muitos esboços, ver exposições e ir a museus para desenvolver a parte criativa.», responde Benjamin sempre sorridente. E aproveita para desmistificar. «Para chegar a cada imagem final várias etapas foram um fracasso: uma tinta que falhou, outra que se pôs por cima... e depois aparece uma solução para o erro e descubro que me agrada.» O erro é central para o ilustrador que partilha que demorou bastante tempo a reconhecer os seus defeitos. «Queria fazer tudo perfeito mas gostava da imperfeição noutros ilustradores. Achava que eram essas imperfeições que tornavam as imagens vivas. Temos de perceber o erro e aceitá-lo para podermos crescer. É como quando olhamos para as fotografias e achamos que somos sempre nós quem ficou pior, ou porque temos a boca torta, um olho fechado... e na verdade não é isso.» Isso não significa que não seja muito crítico consigo mesmo, pelo contrário. Dentro dessa aceitação e da experimentação é preciso não ficar satisfeito à primeira porque é essa insatisfação que lhe permite evoluir. É essencial saber lidar com o erro e com a frustração. Benjamin compara o processo com a sua experiência no exame de condução, e isso diz muito sobre esse tal humor e o sentido crítico que pautam a sua identidade artística: «Comecei muito mal. Fiz marcha atrás e bati numa árvore. Estava a correr tão mal que já achava que estava tudo perdido. Acalmei-me e tudo começou a correr muito bem.»

and the winner is...

The CILIP Carnegie & Kate Greenaway Children's Book Awards

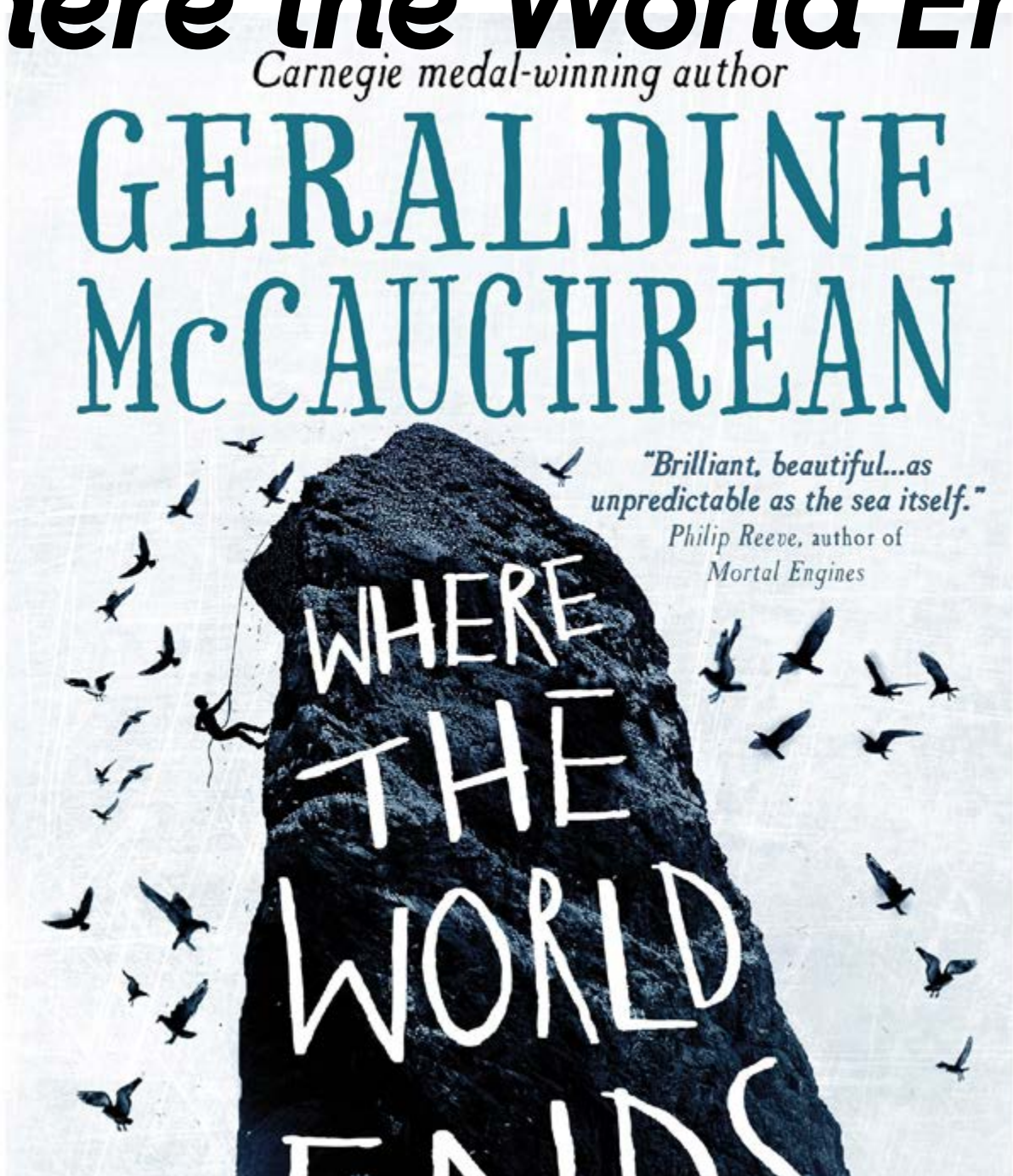
São os mais antigos e conceituados prêmios britânicos dedicados ao texto e ilustração de livros para a infância e juventude. Para além do prémio monetário para os vencedores, cada um deles pode ainda doar uma quantia para a aquisição de fundos por parte de uma biblioteca.

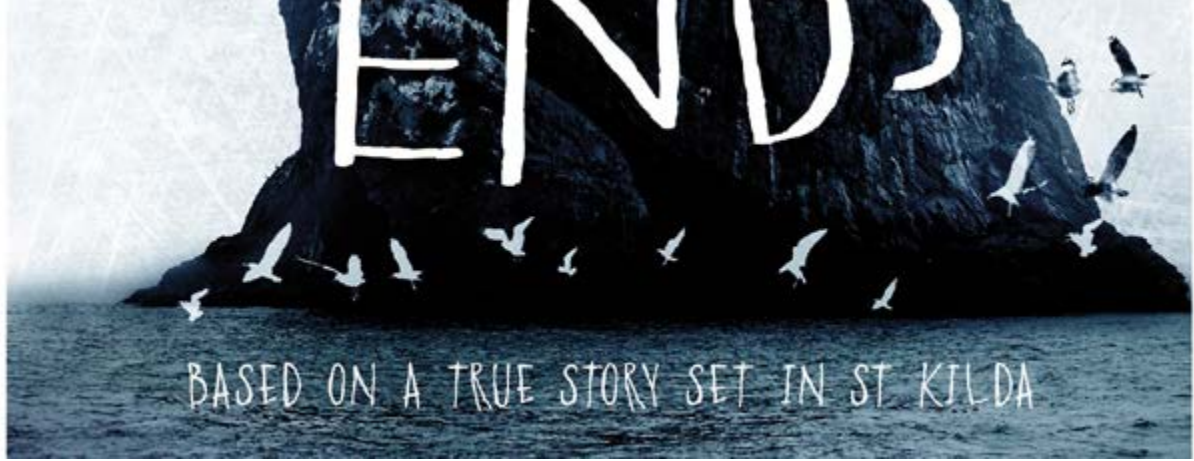
The Carnegie Medal

Where the World Ends, Geraldine McCaughrean, Usborne

A escritora vence o prémio pela segunda vez, trinta anos depois, desta feita com uma novela para adolescentes inspirada em factos reais. A narrativa acompanha o naufrágio de um grupo de homens e rapazes.

Where the World Ends





The Kate Greenaway Medal

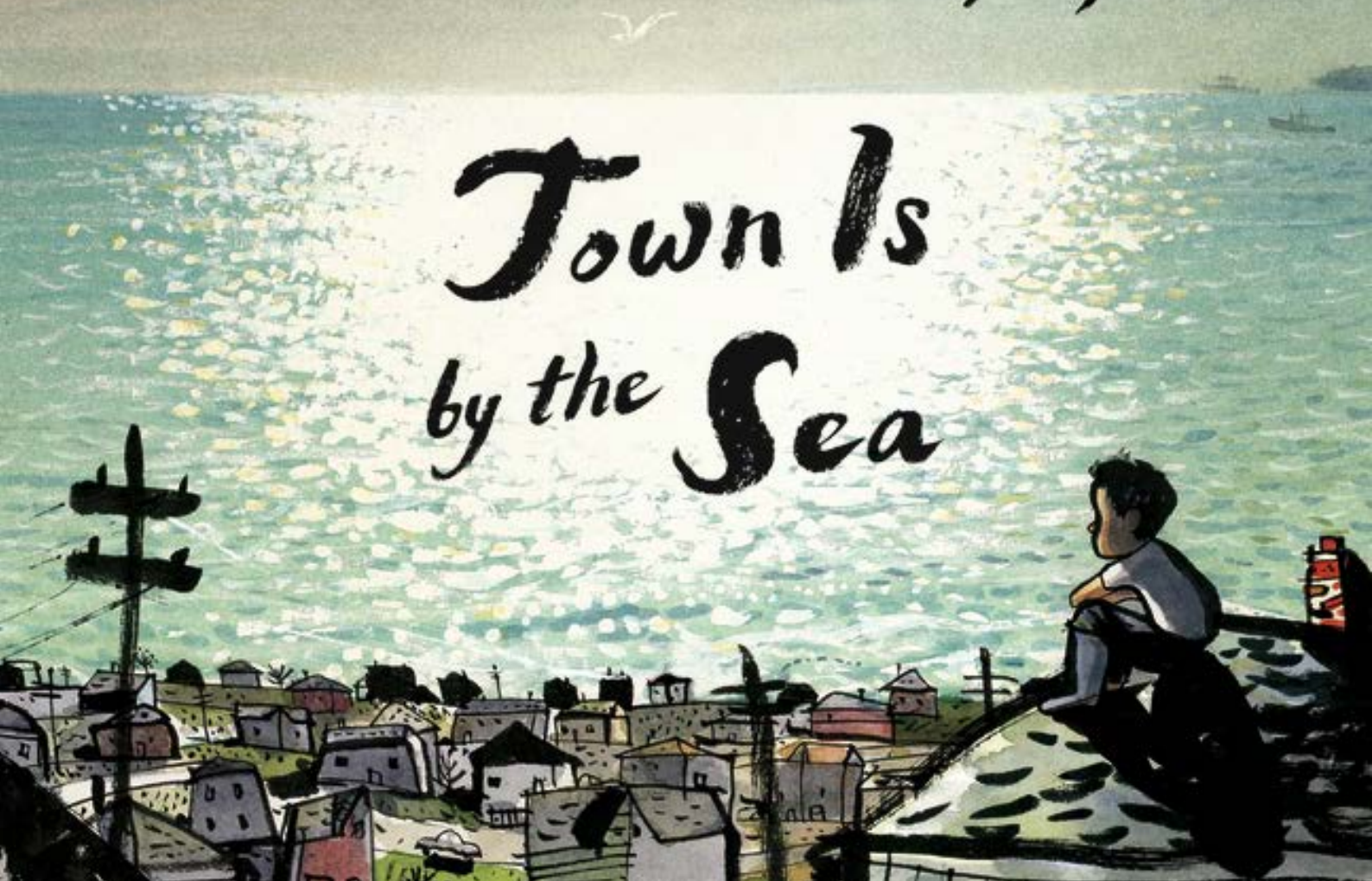
Town is by the Sea, Sydney Smith, Walker Books (texto de Joanne Schwartz)

A ilustradora canadiana é distinguida pela forma como retrata a comunidade de uma cidade mineira junto ao mar, vista através dos olhos de uma criança com o recurso a aguarela e tinta, como já tinha acontecido em *Flores Mágicas*, editado em Portugal pela Livros Horizonte.

Town is by the Sea

Joanne Schwartz

Sydney Smith

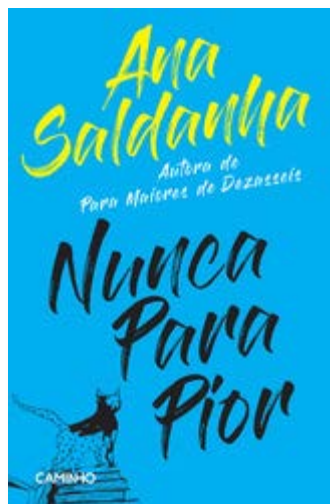


espelho meu

ANDREIA BRITES

NUNCA PARA PIOR

Ana Saldanha
Caminho



Logo pelo título, *Nunca para pior*, a mais recente novela de Ana Saldanha levanta uma inquietação: significará conformismo? Aquele que tolda a ação não vá a coisa correr longe do esperado? Aquele que faz olhar para o lado e comparar o mal do outro com o seu, como se uma escala de desgraças salvasse alguém da sua própria vida? E onde pode tudo isto encaixar numa narrativa juvenil?

Até meio da história nada revela o sentido do título. Nada nada não, quase nada. A tensão que vai pairando e que a autora alimenta como é aliás seu apanágio dá uma pista. Numa escola básica os alunos do 8.º B são catalogados, por um conjunto de professores, como amorfos e desinteressantes. Aos olhos desse grupo de docentes não são capazes de uma pequena rebeldia, um pequeno rasgo de curiosidade ou criatividade, um juízo crítico. Como sempre, há quem não pense da mesma forma mas a sua voz é repetidamente ignorada pelos pares. Intercaladamente o narrador leva-nos a conhecer os ditos amorfos na sua normalidade quotidiana de grupo heterogéneo e cúmplice. Se o retrato daquele grupo de professores por si só já é razão suficiente para diversos juízos por parte do leitor, tudo se torna mais tenso com um novo elemento a ser introduzido no espaço e consequentemente na ação. Trata-se de um novo colega com um perfil opaco, dissimulado e manipulador. Os conhecimentos que exhibe, tanto quanto a retórica do seu discurso encantam a líder do grupo de professores. O mesmo não chega a passar-se com os colegas que desde logo começam a ser iludidos, humilhados e ameaçados. Ana Saldanha vai assim tecendo e adensando o conflito que é o tema do livro. E para isso faz desfilarem um rol de preconceitos que resultam em parte de uma indiferença para com o outro, de uma ausência de interesse e curiosidade. Até onde pode o perigo do mau juízo

levar os alunos? Quem irá desejar voltar ao estado inicial? O *bullying* de que Lourenço, Leandro ou Ana Margarida são vítimas assume contornos muito distintos e em nenhum dos casos se manifesta a violência física. E a responsabilidade não se procura na origem de Lúcio que aliás nunca se saberá de todo qual é. O que é relevante nesta intriga é justamente levantar questões, tomar partidos, implicar o leitor e tentar antecipar justificações e reações. Ana Saldanha recorre a uma estrutura mais linear do que noutros livros e com isso garante uma maior atenção ao perfil das personagens através das suas ações e dos diálogos que promovem. No final, a catarse surge implícita, entre a preparação da peça de teatro e as consequências da sua apresentação. Ficam questões por resolver, entre elas se os professores tiveram consciência de quem era de facto Lúcio e de como os enganou. Fica sobretudo um recomeço para os alunos do 8.º B. Um recomeço que nunca pode ser igual ao começo. Por isso, depois da experiência vivida, nunca mais serão vistos da mesma forma e essa injustiça que parece pairar pode levá-los a mudanças inesperadas na linguagem e no comportamento. Por fim, estarão os professores satisfeitos, agora que têm a turma de ponta, como garante a Rebeca? Amorfos já não serão. Mas será o pior melhor? Não parece.

ATLAS DAS VIAGENS E DOS EXPLORADORES

**Isabel Minhós Martins
Bernardo Carvalho
Planeta Tangerina**



Há uma falha no mercado editorial português de livros informativos com perspetivas frescas do ponto de vista do tema, do discurso e da sua conceção gráfica como objeto artístico. Livros informativos que surpreendam e valorizem a não ficção.

Este recente álbum ilustrado do Planeta Tangerina cumpre os três critérios sem plasmar, de todo, o modelo quer de Lá Fora, quer de Cá Dentro. Como atlas de viagens que pretende ser, a dimensão é bem maior que a dos anteriores. Para que a rota de cada explorador escolhido possa ser devidamente mapeada por Bernardo Carvalho.

O livro é construído através de vários tipos de entrada: uma pequena introdução sobre cada viajante, uma sintética biografia contextualizadora, dados sobre a viagem (motivações, principais descobertas ou intera-

ções, dificuldades e reações), e algumas notas que relacionam aquela viagem com outras histórias, sejam elas de teor etnográfico, geográfico ou social. Assinala-se igualmente os registos que muitos dos viajantes deixaram e que contribuíram para o conhecimento de outras culturas e geografias, tanto como para que a sua história de aventuras perdurasse. Uma das exceções é o caso da viagem de circum-navegação de Jeanne Baret, sobre a qual a assistente do botânico Philibert Commerçon não deixou notícias. No entanto, o facto de ser mulher, em pleno séc. XVIII, os riscos que correu e a indiferença a que foi votada constituíram razões de sobra para constar no Atlas. O volume é apresentado sem descurar o próprio processo segundo o qual os autores chegaram ao produto final, identificando as fontes de pesquisa não apenas na bibliografia final como aqui e ali, ao longo dos capítulos. O estilo da escrita de Isabel Minhós Martins é simples e escorreito na forma como incide sobre as intenções e os critérios para cada viagem escolhida. Apesar de informativo, o texto não se apresenta neutro e é a própria escritora quem o expressa na introdução da obra. Logo ali explica que na escolha dos e das viajantes os autores tiveram em conta o respeito pelo outro, apesar do contexto histórico ser muitas vezes adverso e ser necessário, apesar de tudo, contextualizar cada viagem no seu tempo. Outro deles terá sido a curiosidade e as motivações. Por exemplo, a viagem de Marco Polo depende em parte da viagem anterior do pai e do tio do mercador, de que não se fala comumente. Também há missionários, viagens espirituais, curiosidades antropológicas, pesquisas científicas, decisões arrojadas. Depois de lançar vários desafios ao leitor sobre o que existe para além do que conhecemos, como seria um mundo sem mapas ou ainda o papel da viagem como um caminho que liga dois lugares desconhecidos que passam a poder conhecer-se, os capítulos trazem sempre algo novo em que pensar. A tinta da China das ilustrações dos mapas, de viajantes e de encontros preserva a distância do tempo e regista em simultâneo momentos importantes. Todavia, em nenhuma delas o traço do pincel se propõe a algo que não seja um registo límpido, equilibrado e artístico. Há uma correspondência entre o estilo escolhido e o tema, mas não há nunca a tentação de ser científico. A cada separador, a cor invade a página com paisagens que assinalam o cerne da viagem que se segue. Sem qualquer contorno é a cor que delimita as formas das montanhas, rios, estreitos, céu, deserto, selva ou mar. O livro, enquanto conteúdo mas também enquanto objeto, deixa ao leitor muito mais curiosidade do que antes de ser aberto. Como acontece com quem viaja.

**sa
ra
ma
guia
na**

**Há oito
anos o
adeus
a José
Sara
mago**

Foi no dia 18 de junho de 2010, aos 87 anos, na sua casa de Lanzarote, que José Saramago «deixou de estar», como ele costumava definir a morte. Neste mês em que passam oito anos sobre a sua partida, a *Blimunda* recupera dois textos de despedida, escritos pela colombiana Laura Restrepo e pelo português José Luis Peixoto, publicados naquela altura.





No dia da morte de José

Laura Restrepo

Texto publicado originalmente no *El País*, a 19 de junho de 2010

Talvez o principal atributo do romance — do grande romance — esteja no facto de fornecer indícios e revelar códigos sobre quem somos nós, os seres humanos, que significado tem o que fazemos, para que viemos a esta terra. Não é fácil, sabê-lo, e às vezes esquecemo-lo durante meses, e oxalá que não seja ao longo de toda a vida, ao distrairmo-nos com estranhas representações de nós mesmos que de humanidade apenas têm a aparência. Então, no meio do desconcerto, pode cair-nos nas mãos um romance que nos volta a colocar atrás das pegadas, como o cão a quem é dada a farejar uma peça daquele que deve encontrar. O ser humano cheira a isto, indica-nos a escrita de Saramago, anda por aqui, segue-o, foi este atalho, é este o cheiro que ele emana, é esta a cor da sua aura, é esta a ferocidade da sua contenda e o tamanho da sua dor, não te percas em trapalhadas e farsas, não vás atrás de impostores; nesta personagem que aqui te deixo está o ADN do humano, a sua impressão digital, o rasto do seu sangue, ou, como diz Ricardo Reis no ano da sua morte, estes são «os sinais da nossa humanidade». E então acontece que o reencontro através da sua escrita com esse homem ou essa mulher regatados, diga-se o facto de nos podermos reconhecer página a página nisso que somos, produz em nós uma comoção íntima e estremecedora, confronta-nos com uma epifania que faz saltar as lágrimas, e a verdade é que sempre que li *O Evangelho segundo Jesus Cristo* chorei rios de lágrimas, ou talvez deva dizer chorei que nem uma madalena, e o mesmo me aconteceu com o seu *Ricardo Reis*, com a sua caverna, tanto que ao mesmo tempo que digo isto também me interrogo por que motivo os romances de Saramago vão ao fundo de nós e nos fazem estremecer desta forma, de onde vem tanta intensidade, tanta beleza dolorosa, e a melhor resposta que encontro continua a ser a mesma: porque a verdade da sua prosa e a ressonância da sua poesia propiciam o





regresso a casa, à casa do homem, da mulher, a esse lugar onde finalmente somos quem somos, onde conseguimos aproximar-nos uns dos outros e descobrimos o cantinho que nos corresponde na história colectiva, porque o regresso também é, como em *As Pequenas Memórias*, ao «lar supremo, o mais íntimo e profundo, pobríssima morada dos avós maternos», ou como na *História do Cerco de Lisboa*, regresso a essa casa da Rua do Milagre de Santo António, onde o amor se tornou possível e a cama nos espera com lençóis limpos, ou como o violoncelista de *As Intermittências da Morte*, que regressa de noite a uma casa onde o espera o seu cão preto... Que deliciosamente humano é Saramago quando fala dos cães, o cão *Achado*, o cão *Constante*, o cão solitário das Escadinhas de São Crispim, o cão-lobo que por pouco mata de um susto Zezito, os cães que em Cerbère ladram como loucos. E, evidentemente, também este outro, compassivo e companheiro, que tanto me faz chorar: o cão das lágrimas. E já que se trata de chorar, temos de confessar que Saramago nos fez chorar, dissimuladamente, é claro, a mim e a todos os que estávamos com ele naquela noite em Santillana del Mar, noite que foi de despedidas, hoje sabemos bem e intuímos-lo na altura, porque os presságios já assim o anunciavam, fez-nos chorar, dizia eu, quando lhe deu para repetir — num sussurro lusitano quase ininteligível, porque nos últimos tempos tinha-lhe dado para falar assim — as palavras que ele ouviu dizer à avó, já muito velhinha: «O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer.»

O significado dessa perda

José Luis Peixoto

Texto publicado no [ionline](#) a 19 de junho de 2010

Neste momento, tenho ainda dificuldade de perceber o significado do desaparecimento de José Saramago. Creio que também Portugal não é ainda capaz de perceber o significado completo dessa perda. Esse entendimento chegará no momento em que eu e Portugal





formos capazes de compreender completamente o que significou termos uma figura desta dimensão nas nossas vidas, misturada com as nossas histórias.

Recebi essa notícia em Londres. A chegar de um encontro literário e em direcção a outro encontro literário. O segundo não chegou a acontecer. A notícia chegou-me de Portugal, em mensagem seca de telemóvel. Minutos depois, também por telemóvel, um amigo inglês contou-me que o Festival Literário de Edimburgo iria ser encerrado este ano por uma comunicação de José Saramago. Também esse momento não acontecerá. A morte deixa silêncio.

Se é preciso encontrar palavras, recordo o momento em que o conheci. Em 2001, quando recebi o prémio que leva o seu nome, esperava um homem sisudo, sério, a falar de assuntos sérios.

Realmente, aquilo que José Saramago tinha para dizer era sério, mas a forma é muito importante e o homem que recordo sorria, gracejava. Enquanto viver, não poderei esquecer a atenção que prestava às palavras de um rapaz que ainda não tinha chegado aos trinta anos. Hoje, acredito que esse carinho estava ligado à atenção que guardava para com a literatura, esta arte que lhe pertencia e para com esse país, feito de tantas matérias concretas e abstractas, esse país simples e contraditório, que nunca deixou de ser seu, que levou sempre consigo nas palavras, nas obras e no pensamento.

Agora, ficamos com Baltazar Sete-Sóis, Blimunda e toda uma galeria de personagens imortais, de momentos imortais, que permanecem naquilo que escreveu e naquilo que fomos capazes de ler. Se não cedemos ao medo, ficamos também com o exemplo de um espírito crítico, atento à sociedade, voz daqueles a quem é negada voz ou cujo sentido é ocluso por vozes mais ruidosas, com megafones mais potentes.

Esse homem de óculos e de rosto sério construiu um mundo que, no futuro que hoje começa, continuará a estender o seu eco.

José Saramago ousou enredar-se nos problemas do seu tempo, foi completamente contemporâneo de todos nós, mas criou uma obra que toca as questões essenciais da natureza humana e essas continuarão com a mesma actualidade de hoje: a cegueira e a lucidez, a morte e tudo o resto, a vida incandescente a cada página.





UM EURO.

**Casa Fernando Pessoa
Fundação José Saramago**

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.**

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



EGEAC

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



junho

TÓSSAN



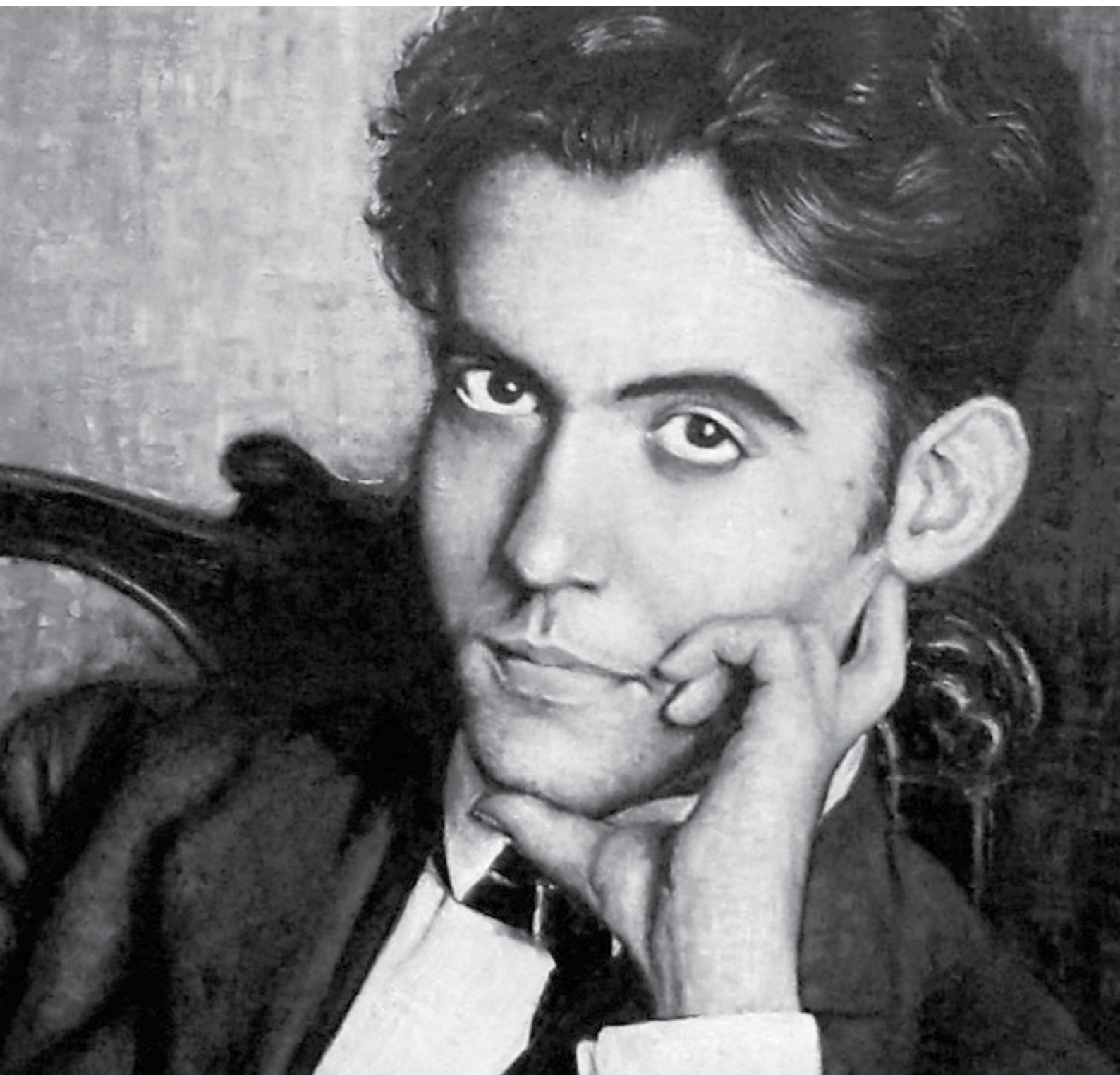
ATÉ 30 JUN *Festa da Ilustração*

Durante o mês de Junho, Setúbal recebe diversas exposições de ilustração para todas as idades, espalhadas por diferentes lugares da cidade.

Setúbal, vários lugares. ➔

ATÉ 1 JUL *Lorca Que Te Quero Lorca*

Espectáculo teatral que recupera a poesia de García Lorca, reflectindo sobre a actualidade da sua escrita a partir de situações de repressão vividas nos dias de hoje. Barcelona, Sala Muntaner. [→](#)



ATÉ 29 JUL *O Rapto de Europa*

Vídeo-instalação de Marcos Covelos sobre a concepção e representação da bandeira da União Europeia, questionando políticas e escolhas a partir da situação sócio-económica actual. Santiago de Compostela, Zona C. [→](#)

ATÉ 19 AGO *Cecil Beaton – Mitos del siglo XX*

Registos fotográficos de Cecil Beaton, retratando alguns dos mais reconhecidos ícones culturais do século passado. Madrid, Fundación Canal-Isabel II. ➔

EDITH SITWELL



ATÉ 2 SET *Ilustrarte 2018*

A bienal internacional de ilustração para a infância instalou-se este ano em Castelo Branco, mostrando os trabalhos de 50 ilustradores seleccionados entre cerca de três mil participantes, oriundos de vários países. Castelo Branco, Centro de Cultura Contemporânea. ➔

ATÉ 28 OUT *Explícita – arte proibida?*

Exposição que reúne obras habitualmente guardadas nas reservas do museu, cujo conteúdo se centra na nudez e no erotismo. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. ➔



ATÉ 4 NOV *Frida Kahlo – as suas fotografias*

Exposição que reúne fotografias, captadas por Man Ray, Edward Weston e Brassai, entre outros, onde se mostram momentos familiares e íntimos da vida da pintora mexicana. Porto, Centro Português de Fotografia. ➔

ATÉ MAR 2019 *O Rio do Samba: resistência e reinvenção*

Celebrando os cinco anos do museu, esta exposição explora as vertentes sociais, culturais e políticas do samba carioca. Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio. →



28 JUN A 4 JUL *Provisional Figures Great Yarmouth*

Espectáculo de Marco Martins, com actores não-profissionais da comunidade de Great Yarmouth, em Inglaterra, que reflecte sobre as questões da emigração e da identidade. Lisboa, Teatro Maria Matos. →

7 JUL *Kalakuta Republik*

Coreografia de Serge Aimé Coulibaly inspirada em Fela Kuti, compositor, saxofonista, activista político, inventor do Afrobeat e opositor aos governos repressores em África. Viseu, Teatro Viriato. →



O Sr. José entrou na Conservatória, foi à secretária do chefe, abriu a gaveta onde o esperavam a lanterna e o fio de Ariadne. Atou uma ponta do fio ao tornozelo e avançou para a escuridão.

In *Todos os Nomes*

José Saramago